

VARIAÇÃO *NÓS* E *A GENTE* NA FALA CULTA DA CIDADE DE MACEIÓ/AL

Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória¹

RESUMO

Analizamos a variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito na fala culta da cidade de Maceió. Para tanto, seguimos os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 2008 [1972]) e utilizamos o programa GOLDVARB X para a análise estatística dos dados. De acordo com os resultados obtidos, verificamos que *a gente* é variante preferida, sendo essa variação condicionada pelas variáveis paralelismo formal, preenchimento do sujeito e faixa etária, com o pronome *a gente* sendo mais frequente nos seguintes contextos: *a gente* antecedido por *a gente*, expressão plena do sujeito e falantes mais jovens, caracterizando-se como um processo de mudança linguística.

Palavras-chave: Pronomes pessoais. Variação linguística. Língua falada.

ABSTRACT

We analyse the variation *nós* and *a gente* at noun position in the cultured speech at the City of Maceió. For this propose, we follow the theoretical-methodological assumptions of the Theory of Variation and Change (LABOV, 2008 [1972]) and we use the software GOLDVARB X for statistical analysis of data. According the obtained results, we verify that *a gente* is the preferred variant, and that variation is conditioned by variables formal parallelism, noun filling and age, with the pronoun *a gente* is more frequent in the following contexts: *a gente* prefaced by *a gente*, full expression of the subject and youngest speakers and is characterized as a linguistic change process.

Keywords: Personal pronouns. Linguistic variation. Spoken language.

INTRODUÇÃO

A implementação de *a gente* no quadro pronominal do português brasileiro, de acordo com os trabalhos de Omena (1996, 2003) e Lopes (1999, 2002, 2004), iniciou-se entre os séculos XVII e XVIII e originou-se da forma nominal *gente*, que, ao passar por processo de gramaticalização do nome *gente* para o pronome *a gente*, perde, com o passar do tempo, o traço formal de número, perde o traço formal de gênero [+ feminino], passando a se relacionar a adjetivos tanto no feminino quanto no masculino e ganha o traço [+ pessoa].

¹ Doutora em Linguística e professora da Universidade Federal de Alagoas – Campus Sertão. E-mail: elyne.vitorio@gmail.com.

Encaixado no sistema linguístico, *a gente* varia com *nós* para a referência à primeira pessoa do plural tanto na função de sujeito quanto nas funções de complemento e adjunto. Neste estudo, focalizamos a variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito na fala culta maceioense, tendo em vista a ausência de descrição sociolinguística sobre o comportamento variável dessas formas pronominais na comunidade em estudo. Nosso objetivo é analisar a frequência de uso desses pronomes e os contextos linguísticos e/ou sociais que favorecem e desfavorecem tais realizações.

Para tanto, realizamos uma análise quantitativa dos dados com o objetivo de responder às seguintes questões: qual a frequência de uso de *nós* e *a gente* na fala culta da cidade de Maceió/AL e quais os grupos de fatores que condicionam tal variação? Nossa hipótese é que o pronome *a gente* apresenta um percentual maior de realização, sendo essa variação condicionada pelas variáveis independentes paralelismo formal, preenchimento do sujeito, determinação do referente, tempo verbal, saliência fônica, faixa etária e sexo/gênero.

Nosso trabalho está organizado da seguinte forma: na próxima seção, apresentamos os trabalhos que serviram de base para o desenvolvimento deste estudo, em seguida, apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos que nortearam esta pesquisa, e, por fim, focalizamos nos resultados obtidos, mostrando não só os dados alcançados para a variável dependente, mas também os resultados das variáveis independentes selecionadas pelo GOLDVARB X como estatisticamente significativas na variação em estudo.

VARIAÇÃO NOS E A GENTE

O processo de substituição de *nós* por *a gente* tem sido objeto de estudo sistemático em diversas variedades do português brasileiro, que mostram que, de maneira geral, na língua falada, gradativamente *a gente* tem ocupado o espaço do pronome *nós*, sendo essa variação caracterizada como um processo de mudança linguística, condicionada por restrições linguísticas, sociais e pragmáticas (OMENA, 1996, 2003; LOPES, 1998; FERNANDES, 2004; ZILLES, 2007; RAMOS; BEZERRA; ROCHA, 2009, SANTOS, 2014, entre outros).

Vianna e Lopes (2015), ao mapearem a variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito no português brasileiro, não só pontuam que, em sua totalidade, as

amostras de fala indicam um comportamento semelhante nas diversas capitais investigadas com a forma pronominal *a gente* sendo a variante preferida, como também destacam a pertinência das variáveis paralelismo formal e discursivo, traço semântico de [+ indeterminação] do referente, tempo verbal, saliência fônica, faixa etária, sexo/gênero, escolaridade e localidade.

As autoras também ressaltam, conforme podemos visualizar na figura 1, que enquanto há áreas que foram amplamente investigadas, como é o caso das regiões Sul e Sudeste, há outras em que a variação dos pronomes *nós* e *a gente* carece de descrição sistemática, como é o caso das regiões Norte e Nordeste, o que implica considerar, tendo em vista as dimensões continentais do país, que qualquer generalização sobre a realização dos pronomes *nós* e *a gente* no português brasileiro deve ser tomada em termos relativos.

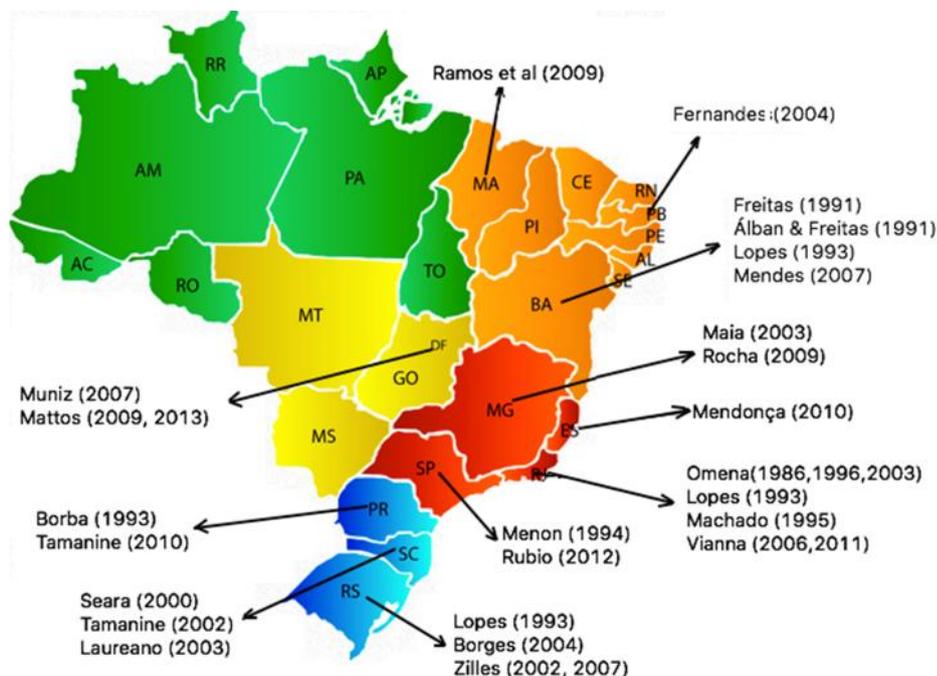


Figura 1. Mapa ilustrativo das regiões do Brasil em que a variação *nós* e *a gente* foi estudada Fonte: Extraída de Vianna e Lopes (2015, p. 110)

Na região Nordeste, de acordo com a figura 1, há as descrições sociolinguísticas sobre a variação dos pronomes *nós* e *a gente* na posição de sujeito nos estados do Maranhão, Paraíba e Bahia (Cf. RAMOS; BEZERRA; ROCHA, 2009; FERNANDES, 2004; FREITAS, 1991; ALBAN; FREITAS, 1991; LOPES, 1993; MENDES, 2007), que mostram que, no cômputo geral dos dados, nas cidades de São Luís, João Pessoa e Salvador, o pronome *a gente* é a variante selecionada para a expressão do sujeito na primeira pessoa do plural.

No estado de Sergipe, podemos citar os trabalhos de Santos (2014) e Mendonça (2016), que mostram, respectivamente, que, nas cidades de Itabaiana e Aracaju, *a gente* é a variante selecionada, sendo a variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito condicionada por restrições linguísticas, sociais e pragmáticas. De acordo com Santos (2014), *a gente* tende a ser mais frequente nos seguintes contextos, a saber, sujeito explícito, desinência \emptyset , pretérito perfeito do indicativo, referência eu + eles, entre as mulheres e em contextos de maior polidez.

No estado de Alagoas, até o momento, há apenas o estudo sociolinguístico de Vitória (2015) que descreve a variação *nós* e *a gente* na fala de crianças entre 7 e 12 anos da cidade de Maceió. Segundo a autora, *a gente* é a variante selecionada, apresentando um percentual de 83% versus 17% de *nós*, sendo essa variação condicionada pelas variáveis marca morfêmica, paralelismo formal, preenchimento do sujeito e sexo, com *a gente* sendo favorecido nos contextos morfema zero, *a gente* antecedido por *a gente*, sujeito preenchido e sexo feminino.

É a partir desses estudos e dessas observações que descrevemos e analisamos a variação *nós* e *a gente* na fala culta da cidade de Maceió/AL. Nosso intuito é desvendar o caminho através do qual a forma inovadora *a gente* gradativamente se espalha pelo quadro de pronomes pessoais do português brasileiro tomando por base a fala culta maceioense, o que contribuirá para o mapeamento do perfil sociolinguístico do português brasileiro em relação à variação dos pronomes *nós* e *a gente* na posição de sujeito entre os falantes cultos.

PRESSUPOSTOS TEORICO-METODOLOGICOS

Recorremos à Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008[1972]), que trata da variação e da mudança linguística, contemplando os usos da linguagem em seu contexto social. Tal proposta distancia-se dos estudos linguísticos que

consideram a língua como um sistema de normas abstratas, externa ao falante e independente do contexto social e mostra que é na heterogeneidade da língua que se deve buscar a estrutura e o funcionamento desse sistema, defendendo a ideia de que a língua é dotada de uma heterogeneidade ordenada.

Para a descrição e análise dos dados, levantamos todas as realizações dos pronomes *nós* e *a gente* na função sintática de sujeito, a partir de uma amostra composta por 24 entrevistas de falantes maceioenses que possuem o ensino superior completo e que foi coletada durante o ano de 2010. Tal conjunto de dados é representativo da variedade estudada e encontra-se organizado com base em duas dimensões de estratificação: faixa etária – F1 (15-29 anos), F2 (30-44 anos) e F3 (acima de 44 anos) – e sexo/gênero – homens e mulheres.

Para a análise estatística dos dados, utilizamos o programa computacional GOLDVARB X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), um modelo de análise bidimensional que fornece pesos relativos a cada fator integrante de cada variável independente e controlamos os seguintes grupos de fatores: paralelismo formal, preenchimento do sujeito, determinação do referente, tempo verbal, saliência fônica, faixa etária e sexo/gênero.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

VARIAVEL DEPENDENTE

Após a análise dos dados, obtivemos um total de 319 realizações dos pronomes *nós* e *a gente* na posição de sujeito na fala culta maceioense, que estão distribuídas da seguinte forma: 65 realizações do pronome *nós* e 254 realizações do pronome *a gente*. Esses dados não só representam percentuais de 20% de *nós* versus 80% de *a gente*, conforme observamos no gráfico 1, como também mostram que *a gente* é a forma pronominal selecionada entre os falantes cultos da cidade de Maceió para representar a primeira pessoa do plural.

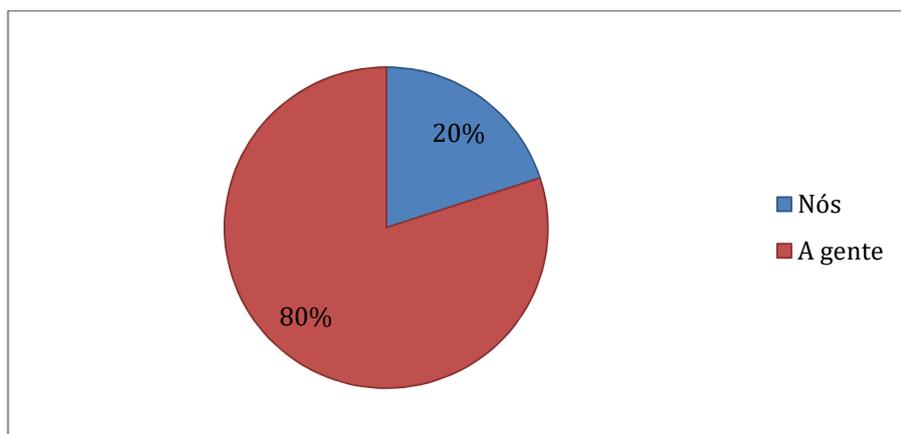


Gráfico 1. Percentuais de *nós* e *a gente* na fala culta maceioense

Esses resultados confirmam a nossa hipótese de que *a gente* seria o pronome mais utilizado e vão ao encontro dos estudos sociolinguísticos que mostram a preferência dessa forma pronominal nas variedades do português brasileiro. No entanto, vão de encontro ao estudo de Lopes (1998) que mostra que, no cômputo geral dos dados, entre os falantes cultos, *nós* é a variante selecionada. Em relação aos grupos de fatores controlados como potencialmente relevantes na variação em análise, três foram considerados estatisticamente significativos, a saber, paralelismo formal, preenchimento do sujeito e faixa etária.

PARALELISMO FORMAL

Selecionada como o primeiro grupo de fatores estatisticamente significativo na variação *nós* e *a gente* na fala culta maceioense, a variável paralelismo formal, de acordo com Omena (1996, 2003) e Lopes (1998), é entendida como a tendência de o falante repetir uma mesma forma em uma dada sequência discursiva, o que significa considerar que a escolha da primeira forma pronominal condiciona os usos subseqüentes, desencadeando, assim, uma série de repetições da mesma forma pronominal, seja essa forma nula ou preenchida.

Para a análise desta variável, controlamos os seguintes fatores, a saber, realização isolada, como observamos em (1), primeiro da série, como observamos em (2), antecedido por *nós*, como observamos em (3) e antecedido por *a gente*, como observamos em (4), e partimos do pressuposto de que o uso de *nós*

desencadeará uma série de repetições dessa variante, ao passo que o uso de *a gente* tenderá a repeti-lo nas proposições subsequentes, constituindo, assim, um contexto linguístico favorável à realização da variante inovadora.

(1) é o que *nós* vemos né – no dia a dia (L4L521)

(2) acho que uma das primeiras coisas é a questão da prática – que *a gente* teve muito pouco – intão a gente teria que criar teoria que é importante até pra gente poder realizar a prática teoria é importante (L6L731)

(3) eu trabalho num hospital que foi agora municipalizado e *nós* não temos um comprimido pra dor – tudo que *nós* temos lá é injetável e isso é um absurdo (L14L1980)

(4) à noite *a gente* ia conhecer a cidade \emptyset ia pras festas /mais, mas/ durante o dia algumas palestras *a gente* via – o principal (L21L3031)

Paralelismo formal	Nós				A gente			
	Aplic.	Total	Perc.	PR	Aplic.	Total	Perc.	PR
Realização isolada	12	62	20%	0,58	50	62	80%	0,42
Primeiro da série	11	72	15%	0,52	61	72	85%	0,48
Antecedido por nós	34	42	81%	0,93	8	42	19%	0,07
Antecedido por a gente	8	143	6%	0,27	135	143	94%	0,73

Tabela 1. Realizações de *nós* e *a gente* na variável paralelismo formal

De acordo com os resultados obtidos, verificamos que, tanto para o pronome *nós* quanto para o pronome *a gente*, a escolha da primeira forma pronominal condiciona a realização da forma subsequente, desencadeando, assim, uma série de repetições da mesma forma linguística, o que confirma a hipótese de que a preferência por determinada forma pronominal tende a exercer influência sobre as demais formas numa dada sequência discursiva.

Em relação às realizações do pronome *a gente*, obtivemos um percentual de 94% para o fator antecedido por *a gente* e um peso relativo de 0,73, mostrando, assim, que tal fator constitui um contexto linguístico que condiciona sobremaneira o uso da variante inovadora na fala culta maceioense. Esses dados mostram que os falantes ao utilizarem a forma pronominal *a gente* tendem a repeti-la na mesma sequência discursiva, como observamos em (5).

(5) num é só aqui em Maceió /mais, mas/ *a gente* tem que falar de onde *a gente* mora de onde *a gente* gosta – então assim satisfeito *a gente* nunca tá (L71L8930)

De maneira oposta, quando a referência à primeira pessoa do plural é antecedida por *nós*, como observamos em (6), a tendência é que haja pouca realização do pronome *a gente*. Obtivemos aqui apenas 8 realizações, que representam um percentual de 19% e um peso relativo de 0,07, o que nos mostram que, nesse contexto, houve uma tendência muito baixa dessa forma pronominal, configurando-se como um ambiente linguístico que menos favorece a realização da variante inovadora na fala culta maceioense.

(6) na medida que *nós* estamos competindo pra \emptyset sermos sempre o primeiro em tudo é porque *a gente* num acredita no outro (L70L8712)

No que diz respeito aos fatores realização isolada e primeiro da série, também verificamos que são contextos linguísticos que tendem a desfavorecer a realização do pronome *a gente*. No fator realização isolada, como observamos em (7), obtivemos um percentual de 80% e um peso relativo de 0,42, e, no fator primeiro da série, como observamos em (8), obtivemos um percentual de 85% e um peso relativo de 0,48.

(7) *a gente* tem um notebook /mais, mas/ não é a mesma coisa (L6L767)

(8) eu me sentia no Brasil apesar que *a gente* senti assim as diferenças né – tem um bairro lá que só vive índios né – eles fazem artesanato *a gente* vê na hora (L4L584)

Os resultados confirmam a nossa hipótese de que há uma tendência de maior uso do pronome *a gente* em contextos em que a forma antecedente, em uma dada sequência discursiva, seja o próprio pronome *a gente*, corroborando, assim, os

estudos que mostram que, nas variedades do português brasileiro, *a gente* tende a ser mais frequente em contextos de paralelismo formal (OMENA, 1996; LOPES, 1998; FERNANDES, 2004; RAMOS; BEZERRA; ROCHA, 2009; VITÓRIO, 2015; MENDONÇA, 2016).

PREENCHIMENTO DO SUJEITO

A segunda variável linguística selecionada na variação *nós* e *a gente* na fala culta maceioense diz respeito à expressão plena ou expressão nula do sujeito pronominal. Entendemos por expressão plena quando as formas pronominais *nós* e *a gente* são expressas foneticamente na indicação da primeira pessoa do plural e por expressão nula quando tais pronomes são indicados por meio da desinência verbal (*-mos* ou \emptyset) sem que haja foneticamente a realização dessas formas pronominais (Cf. LOPES, 1998; OMENA, 2003).

Consideramos este grupo de fatores na análise dos dados não só com o intuito de observar se o preenchimento ou não do sujeito condiciona o uso de *a gente* na fala culta maceioense, mas também com o intuito de verificar o reflexo do uso dessas formas pronominais na variação do preenchimento do sujeito, tendo em vista que pesquisas sociolinguísticas (DUARTE, 1993, 1995, 2012; CAVALCANTE, 2001) mostram que o português brasileiro tende a realizar foneticamente o sujeito pronominal.

Nossos pontos de partida para a descrição e análise dos dados são os de, na fala culta maceioense, o fator expressão plena favorecerá mais a realização da forma pronominal *a gente*, ao passo que o fator expressão nula inibirá tal realização, uma vez que a variante inovadora *a gente* pronominal tende a acompanhar o verbo na terceira pessoa do singular – P3, como observamos em (9), e que a realização fonética do sujeito apresentará um percentual maior de realização, como observamos em (10) e (11).

(9) *a gente* não vê esse monte de atitudes do prefeito (L6L808)

(10) – porque *nós* temos gás – começar pela indústria aqui – *nós* temos gás e não fica aqui – eu já trabalhei nele \emptyset fizemos perfurações (L47L5951)

(11) parece que *a gente* sabe que \emptyset tá no Brasil /mais, mas/ parece que *a gente* não está no Brasil né (L4L579)

Preenchimento do sujeito	Nós				A gente			
	Aplic.	Total	Perc.	PR	Aplic.	Total	Perc.	PR
Expressão plena	43	266	16%	0,40	223	266	84%	0,60
Expressão nula	22	53	41%	0,88	31	53	59%	0,12

Tabela 2. Realizações de *nós* e *a gente* na variável preenchimento do sujeito

De acordo com os resultados obtidos, verificamos que *a gente* é mais frequente quando o sujeito pronominal é realizado foneticamente, mostrando percentuais de 84% para a expressão plena *versus* 59% para a expressão nula. Os pesos relativos reafirmam os resultados percentuais, uma vez que *a gente* tende a ser mais frequente na expressão plena – 0,60, ao passo que a expressão nula tende a desfavorecer seu uso – 0,12. Esses resultados confirmam a tendência apresentada nas descrições sociolinguísticas de que, nas variedades do português brasileiro, *a gente* é mais frequente quando foneticamente realizado (LOPES, 1998; FERNANDES, 2007; SANTOS, 2014; VITÓRIO, 2015).

Em relação ao reflexo das realizações de *nós* e *a gente* na variação do preenchimento do sujeito, verificamos que, das 319 ocorrências de *nós* e *a gente* na fala culta maceioense, 266 apresentaram o sujeito preenchido e 53 o sujeito nulo, representando, respectivamente, os percentuais de 83% e 17%. Esses dados vão ao encontro dos estudos linguísticos que mostram que, nas variedades do português brasileiro falado, o sujeito pronominal tanto de referência determinada quanto de referência indeterminada tende a ser realizado foneticamente.

FAIXA ETARIA

Considerada a única variável extralinguística estatisticamente significativa na variação em estudo e caracterizada como um grupo de fatores de grande relevância para os estudos sociolinguísticos, pois torna possível o esboço do estágio que uma dada regra variável desempenha, em tempo aparente, dentro do sistema linguístico, controlamos a variável faixa etária com o intuito de verificar se a variação *nós* e *a gente* na fala culta maceioense representa um processo de variação estável ou de mudança em progresso.

Dessa forma, se a variante inovadora é a forma pronominal mais utilizada, objetivamos analisar se a aplicação de *a gente* é maior entre os falantes mais jovens. Para tanto, dividimos nossa variável em três fatores, a saber, F1 (15-29 anos), F2 (30-44 anos) e F3 (acima de 44 anos) e partimos do pressuposto de que a frequência de *a gente* será maior entre os falantes mais jovens diminuindo o seu percentual de uso à medida que aumenta a faixa etária dos falantes, o que implica considerar que estaremos diante de uma mudança em progresso.

Faixa etária	Nós				A gente			
	Aplic.	Total	Perc.	PR	Aplic.	Total	Perc.	PR
F1 (15-29 anos)	1	80	1%	0,11	79	80	99%	0,89
F2 (30-44 anos)	8	82	10%	0,37	74	82	90%	0,63
F3 (acima de 44 anos)	56	157	36%	0,78	101	157	64%	0,22

Tabela 3. Realizações de *nós* e *a gente* na variável faixa etária

De acordo com os resultados obtidos, verificamos que, entre os falantes das F1 (15-29 anos) e F2 (30-44 anos), a produtividade de *a gente* foi bastante próxima, atingindo, respectivamente, percentuais de 99% e 90%, o que nos mostram que, entre os falantes mais jovens – F1 (15-29 anos), há um uso quase categórico da variante inovadora na fala culta maceioense. Entre os falantes da F3 (acima de 44 anos), observamos também uma preferência pelo uso do pronome *a gente*, mas com um percentual menor de realização – 64%.

Quanto aos pesos relativos, verificamos que enquanto os falantes das F1 (15-29 anos) e F2 (30-44 anos) tendem a favorecer a realização de *a gente*, apresentando, respectivamente, pesos relativos de 0,89 e 0,63, os falantes da F3 (acima de 44 anos) tendem a desfavorecer o uso dessa variante, com um peso relativo de 0,22. Os resultados obtidos para esta variável também mostram que com o aumento da faixa etária dos falantes, há uma redução na aplicação da variante inovadora, revelando, assim, um processo de mudança.

Ainda com o intuito de checar a atuação da variável faixa etária, realizamos o cruzamento dessa variável com a variável sexo/gênero. Em nossa análise, a variável sexo/gênero foi considerada estatisticamente não significativa, mas os dados mostram que, na fala culta da cidade de Maceió, as mulheres utilizam a variante inovadora com mais frequência – 85% *versus* 77% entre os homens, o que

confirma a tendência de que, nas variedades do português brasileiro, as mulheres utilizam mais o pronome *a gente*.

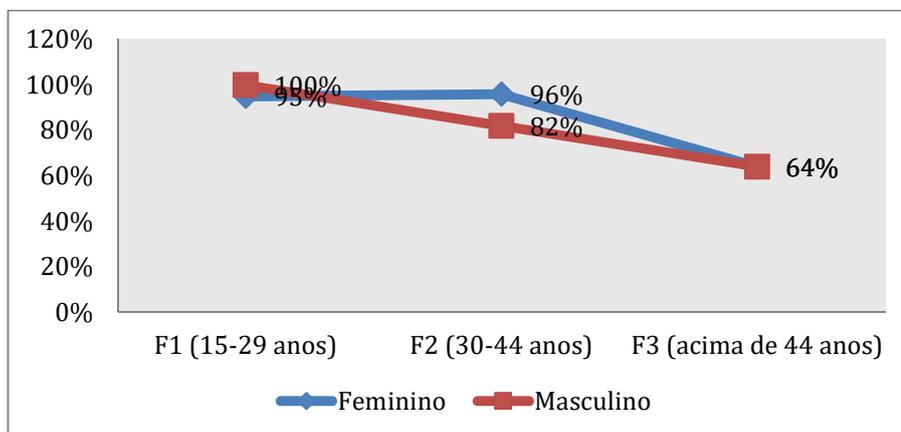


Gráfico 2. Percentuais de *a gente* nas variáveis faixa etária e sexo/gênero

De acordo com o gráfico 2, verificamos não só que a variante inovadora é a forma preferida tanto entre as mulheres quanto entre os homens em todas as faixas etárias analisadas, como também que, entre os falantes da F1 (15-29 anos), os homens apresentam um uso categórico de *a gente*, ao passo que, entre os falantes da F2 (30-44 anos), as mulheres utilizam com mais frequência a variante inovadora. Entre os falantes da F3 (acima de 44 anos), verificamos um mesmo comportamento linguístico entre homens e mulheres.

CONCLUSÃO

A substituição de *nós* por *a gente* na posição de sujeito tem sido amplamente estudada em diversas variedades do português brasileiro, que mostram que, na língua falada, gradativamente o pronome *a gente* tem ocupado o lugar do pronome *nós*, todavia, há localidades que carecem de descrição sistemática, é o caso, por exemplo, da cidade de Maceió. Tentando suprir essa lacuna, descrevemos e analisamos as realizações dos pronomes *nós* e *a gente* na posição de sujeito na fala culta maceioense, com o intuito de checar o percentual de uso dessas variantes e os grupos de fatores que interferem nessa variação.

Para tanto, seguimos os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008[1972]) e verificamos, de acordo com os resultados obtidos, que *a gente* é variante preferida na fala culta maceioense – 80% *versus* 20% de uso de *nós*, sendo essa variação condicionada pelas variáveis paralelismo formal, preenchimento do sujeito e faixa etária, com o pronome *a gente* sendo mais frequente nos seguintes contextos: *a gente* antecedido por *a gente*, expressão plena do sujeito pronominal e falantes mais jovens, revelando um processo de mudança linguística na comunidade estudada.

REFERENCIAS

- ALBAN, M.; FREITAS, J. “Nós” ou “a gente”? **Estudos Linguísticos e Literários**. Salvador: UFBA, n. 11, p. 75-89, 1991.
- DUARTE, E. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- DUARTE, E. **A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro**. (Tese de Doutorado). Unicamp, 1995.
- DUARTE, E. (Orgs). **O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- CAVALCANTE, A. **O sujeito pronominal em Alagoas e no Rio de Janeiro: um caso de mudança em progresso**. (Tese de Doutorado). PPGL/UFAL, 2001.
- FERNANDES, E. Fenômeno variável: *nós* e *a gente*. In: HORA, D. (Org.). **Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade**. João Pessoa, 2004.
- FREITAS, J. “Nós” e “a gente” em elocuições formais. **Estudos Linguísticos e Literários**. Salvador: UFBA, n. 11, p. 91-102, 1991.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LOPES, C. **“Nós” e “a gente” no português falado culto do Brasil**. Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, UFRJ, 1993.
- LOPES, C. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. DELTA, v. 14, n. 2, 1998.
- LOPES, C. **A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico**. (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.
- LOPES, C. De *gente* para *a gente*: o século XIX como fase de transição. IN: ALKIMIN, T. (Org). **Para a história do português brasileiro**. Vol. III, São Paulo: FLP/USP, 2002.

LOPES, C. **A gramaticalização de a gente em português em tempos real de longa e curta duração**: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. Fórum Linguístico, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 47-80, 2004.

MENDES, R. **O perfil da alternância do sujeito “nós” e “a gente” em Santo Antônio de Jesus**: um recorte no português popular do interior da Bahia. Salvador. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, UFBA, 2007.

MENDONÇA, J. **Varição na expressão da 1ª pessoa do plural: indeterminação do sujeito e polidez**. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, 2016.

OMENA, N. A referencia à primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA e SILVA, M.; SCHERRE, M. (orgs). **Padrões sociolinguísticos**: estudos de fenômenos variáveis do português falado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 1996.

OMENA, N. A referencia à primeira pessoa do discurso no plural. In: PAIVA, M.; DUARTE, E. (Orgs.). **Mudança linguística em tempo real**. RJ: Contra Capa, 2003.

RAMOS, C.; BEZERRA, J.; ROCHA, M. Do nosso cotidiano ou do cotidiano da gente? Um estudo da alternância nós/a gente no português do Maranhão. **Revista Signum**. Londrina, v. 12, n. 1, p. 279-292, jul. 2009.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. **Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows**. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SANTOS, K. **Estratégias de polidez e a variação nós vs. a gente na fala de discentes da Universidade Federal de Sergipe**. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, 2014.

VIANNA, J.; LOPES, C.. Variação dos pronomes “nós” e “a gente”. In. MARTINS, M.; ABRAÇADO, J. **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.

VITÓRIO, E. A variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito na fala de crianças da cidade de Maceió/AL. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, v. 9, n.14, p. 126-141, 2015.

ZILLES, A. **O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente?** Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 27-44, jun. 2007.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. Variação nós e a gente na fala culta da cidade de maceió/al. **Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura**. São Cristóvão: UFS, v. 24, p. 159-172, 2016.

Recebido: 31.01.2016

Aprovado : 25.04.2016